

uma terceira via, a qual, pela mediação do diálogo e tendo em conta a circunincessão dos transcendentais (o Verdadeiro, o Bom e o Belo), seja dado o seu papel ao amor na procura da sabedoria, convidando, ao mesmo tempo, a teologia fundamental a acolher a verdade divina como empenhamento de amor do *Logos* divino.

Em ordem a isso, propõe-se seguir, em cada capítulo, o que ele chama o método da *polaridade-na-ternaridade*. Os cinco capítulos acabam assim estruturados entre si num conjunto de trípticos, em que o primeiro analisa a relação entre verdade e ser, o quinto, entre a verdade e o amor, e os três intermédios constituem eles mesmos um tríptico intercalado, cujos painéis versam, sucessivamente, a verdade e a *Gestalt*, a verdade e a liberdade e a verdade e a linguagem. Deste modo, procura, em cada capítulo e no todo do livro, analisar o movimento das duas verdades (intramundana e divina) extraindo daí os horizontes, as tensões e os desafios emergentes. Por polaridade entende Fadi Abdel-Nour a presença de dois pólos que todavia não são nem exclusivos nem contraditórios nem tendem dialeticamente para uma síntese; «cada um é a totalidade do Todo revelada singularmente» (p. 22). Cada pólo está *diante*, está *com* e está *para* o outro pólo. Por estar *diante*, cada um olha o outro e escuta-o atentamente; e quanto mais o acolhe, mais aumenta a possibilidade de se dar a si mesmo ao outro. Por estar *com*, cada pólo faz caminho com o outro numa aventura comum, com as suas tensões, dificuldades e distanciamentos, evitando assim a insularidade de cada um deles. Por estar *para*, sem perder a identidade própria, cada qual assume a sua própria insuficiência e a necessidade do outro para dizer a superabundância do mistério (p. 23).

Há, como quer que seja, na (bi)polaridade uma ternaridade. E não só, nem

principalmente, na medida em que em toda a polaridade estão implicados os três transcendentais: o belo ou a dimensão estética, o bom ou a dimensão dramática e o verdadeiro ou a dimensão lógica. A ternaridade resulta sobretudo da presença do amor divino, fundamento das duas verdades, o qual se constitui como a assimetria na simetria dos dois pólos, a permitir o jorro do novo e a evitar quer o risco do resvale para o absolutismo que o do decaimento no relativismo.

Como se pode já deduzir desta brevíssima apresentação, estamos em face de um discurso sobre a verdade que se reveste de uma grande subtilidade. Isso reflete-se no estilo do autor que, como confessa, «comme nous parlons de la vérité essentiellement mystère, notre style qui habite le mystère tente de dire ce dévoilement voilé» (p. 30). Daí que ora se apague ora entre no movimento vertiginoso que permite o surgimento da palavra do desvelamento, sendo em todo o caso um discurso ancorado na terra mas orientado para o céu.

JORGE COUTINHO

ORNELLAS, Pierre d', **Audace et Tradition. Vatican II : un acte prophétique**, Éditions Parole et Silence, Paris, 2013, 284 p., 210 x 140, ISBN 978-2-88918-110-0.

O concílio Vaticano II foi um ato profético porque, nele, a Igreja, posta à escuta dos problemas do mundo e da voz do Espírito, proclamou ao mundo uma palavra de luz e de esperança. É na suposição dessa escuta que nele podemos ver uma atitude de fundo simultaneamente de audácia e de tradição. Esta é a perspetiva fundamental a que obedece este conjunto de textos, escritos em circunstâncias diversas e agora

revistos, coligidos e publicados pelo autor, a pedido da editora.

Pierre d'Ornellas organizou a coletânea agrupando-os em duas partes. A primeira apresenta escritos de incidência antropológica, tendentes a uma compreensão da antropologia cristã. Na segunda coligem-se textos que procuram ajudar a captar a compreensão católica da Tradição viva, que é a própria vida real da Igreja. As duas estão, naturalmente, em relação de correspondência e complementaridade, já que o sujeito da Tradição viva é o homem crente, habitado pelo Espírito e iluminado pelo Verbo encarnado. Nesse sentido, é que a Tradição da Igreja é efetivamente profética, levando consigo a graça da participação na transmissão (*traditio*) da Revelação divina, que vem dos Apóstolos mas que permanece viva na Igreja, destinada a levá-la a todos os homens de todos os espaços e de todos os tempos. O Concílio foi apenas um acto e um momento muito particular desta Tradição viva. Esta é a ideia de fundo que o autor desenvolve no Prólogo (pp. 19-44).

Na primeira parte, desenvolve temas antropológicos e tece considerações sobre os mesmos, em obediência à ideia de fundo da dignidade do homem: que é o homem? capacidade de interioridade; imagem de Deus; grandeza e miséria (um tema muito pascaliano); condição espiritual encarnada na corporeidade, com incidências na problemática da morte e ressurreição; inteligência, sabedoria e contemplação; a consciência moral; a liberdade, com seus condicionamentos e sua ampliação por obra da graça; a morte do homem criado por Deus, levando consigo, em consequência, um germe de eternidade; juízo e misericórdia de Deus em face da responsabilidade perante Ele e perante os irmãos; vocação à santidade; Jesus Cristo, como o homem perfeito.

A segunda parte ocupa-se da Tradição, através da qual passa de geração em geração a fé viva. Subdividiu-a o autor em duas secções: uma considerando «o indispensável “estudo” na Tradição», outra incidindo sobre «a indispensável liberdade da mesma Tradição». Na primeira secção, aborda, entre outros temas, o acto da transmissão na *Lumen gentium* e na *Dei Verbum*; a transmissão no AT, com especial atenção à relação do mistério da Igreja com os judeus; o estudo e a contemplação na Igreja, com especial referência à complementaridade da fé dos crentes e do Magistério da Igreja e sua mútua fecundidade. Na segunda secção, aparecem os temas do ecumenismo e da fecundidade do diálogo; da liberdade como fonte de pluralidade; da liberdade dos Padres da Igreja.

Em epílogo, o autor faz a apologia dos «mansos» (*les doux*), realçando a mansidão como sinal da verdade e convidando ao seguimento do Mestre «manso e humilde de coração».

LUÍS SALGADO

GANOCZY, Alexandre, et JEANNEROD, Marc, **Confiance par-delà la méfiance. Un essai pluridisciplinaire**, coll. « Théologies », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2013, 384 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09694-2.

Um doutor em teologia e em letras (Ganoczy) e um doutor em medicina e professor de psicologia (Jeannerod) procuram neste ensaio dar o seu contributo para a compreensão e a ultrapassagem daquilo que pode ser considerado como a cultura da desconfiança, um fenómeno que está aí, na Europa e na própria Igreja católica, desde há várias décadas. Uma cultura